

# GABRIELA MISTRAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS PARA PENSAR SEUS ESTUDOS BIOGRÁFICOS

■ CAROLA SEPÚLVEDA VÁSQUEZ

 <https://orcid.org/0000-0003-4772-3719>

Universidade Federal da Integração Latino-Americana

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões e considerações metodológicas para pensar os estudos biográficos sobre Gabriela Mistral (1889-1957). Assim, na primeira parte, apresentam-se algumas notas biográficas da autora, dando destaque à importância das viagens e das experiências na sua trajetória formativa. Na segunda parte, analisa-se a *operação cosmética* que sofreram a autora e sua obra no seu país natal, Chile, a qual possibilitou que, na ditadura liderada por Augusto Pinochet (1973-1989), se decretassem formas de leitura sobre *uma Mistral oficial*. Finalmente, propõem-se algumas considerações metodológicas que, considera-se, permitiriam reconhecer uma Mistral criadora, plural e conectada, em que se destacam seu reconhecimento como sujeito histórico; o romper o engessamento e ler o rizoma, ler as chaves na sua própria obra; o uso das metáforas; e a recuperação do conceito de experiência.

**Palavras-chave:** Gabriela Mistral. Biografia. Memória. Rizoma. Experiência.

## ABSTRACT

### GABRIELA MISTRAL: SOME METHODOLOGICAL CONSIDERATIONS TO THINK ABOUT HER BIOGRAPHICAL STUDIES

The present work aims to present some reflections and methodological considerations to think about the biographical studies about Gabriela Mistral (1889-1957). Thus, in the first part some biographical notes of the author are presented, highlighting the importance of travels and experiences in her formative trajectory. On the second part it is analyzed the cosmetic operation that the author suffered and her work in her native country, Chile, which made possible that, on the Dictatorship led by Augusto Pinochet (1973-1989), it was decreed ways of reading about an official Mistral. Finally, some meth-

odological considerations are proposed that, it is considered, would allow recognizing a creative, plural and connected Mistral, in which its recognition as a historical subject stands out; the breaking of the plastering and reading the rhizome, reading the keys in its own work; the use of metaphors; and the recovery of the concept of experience.

**Keywords:** Gabriela Mistral. Biography. Memory. Rhizome. Experience.

## RESUMEN **GABRIELA MISTRAL: ALGUNAS CONSIDERACIONES METODOLÓGICAS PARA PENSAR SUS ESTUDIOS BIOGRÁFICOS**

El presente trabajo tiene como objetivo presentar algunas reflexiones y consideraciones metodológicas para pensar los estudios biográficos sobre Gabriela Mistral (1889-1957). Así, en la primera parte se presentan algunas notas biográficas de la autora, destacando la importancia de los viajes y de las experiencias en su trayectoria formativa. En la segunda parte, se analiza la *operación cosmética* que sufrió la autora y su obra en su país natal, Chile, la que posibilitó que en la Dictadura liderada por Augusto Pinochet (1973-1989), se decretasen formas de lectura sobre *una Mistral oficial*. Finalmente, proponemos algunas posibilidades de lectura que considero permitirían reconocer a una Mistral criadora, plural y conectada, entre las que destaco: su reconocimiento como sujeto histórico, romper el enyesamiento y leer el rizoma, leer las claves en su propia obra, el uso de las metáforas y la recuperación del concepto de experiencia.

**Palabras clave:** Gabriela Mistral. Biografía. Memoria. Rizoma. Experiencia.

### Introdução: Gabriela Mistral, algumas notas biográficas

Gabriela Mistral é o pseudônimo de Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga. Foi escolhido após várias tentativas para “se nomear” como escritora e começou a ser utilizado pela autora depois de ganhar o concurso literário Juegos Florales, no Chile, em 1914. Lucila nasceu em Vicuña (norte do Chile), em 7 de abril de 1889. Cresceu rodeada de mulheres: avó, mãe, irmã, todas muito influentes em sua vida e em sua educação. Seu pai só foi

presente em sua vida por meio do imaginário, pois ele abandonou a família quando Lucila tinha três anos. Mesmo assim, ele ficou na sua memória e embriagou sedutoramente muitas de suas representações, incluindo aquelas que tinham a ver com escolhas literárias:

Mi padre se fue cuando yo todavía era pequeña. Revolviendo papeles, siguiendo huellas que me condujeron a este rincón misterioso, encontré unos versos suyos, muy bonitos, que impre-

sionaron de manera muy viva mi alma infantil. Esos versos de mi padre, los primeros que leí despertaron mi pasión poética (Mistral *apud* Teitelboim, 1996, p. 21).

Com os anos, Mistral construiu uma imagem do pai que a acompanhou permanentemente, chegando inclusive a mostrar admiração pelo seu nomadismo, o que mais tarde caracterizaria também sua própria vida. Segundo Ladrón De Guevara (1999, p. 39), Mistral falava: “Así somos los Godoy: vagabundos del alma. Queremos vagar, mirar, conocer. ¡Que el mundo es tan bello!”.

Essa mesma autora, em carta a Laura Rodig<sup>1</sup>, menciona que as narrativas mistralianas indicavam que seus primeiros contatos com a escola foram definidos por uma ferida que provocou a acusação injusta de uma professora, o que marcou suas relações com as outras meninas e até consigo mesma:

El nombre de Vicuña me acarrea a la memoria mi expulsión de la escuela local donde no duré más de unos seis meses, si acaso. Y fui expulsada de dicha escuela por mi madrina, una mujer ciega que en una cólera igualmente ciega me acusó de haber robado papel oficial (Mi hermana, maestra como ella, me lo daba y el visitador de la escuela me lo regalaba cada vez que yo iba a verle). Mi extrema timidez y la exhibición que esa loca mujer hizo de mí (¡de la culpable!) me valió una lapidación moral en la plaza de Vicuña, hecha por un grupo de las alumnas favoritas de la jefe y yo atravesé esa linda plaza – ¡tan linda sí! – con la cabeza ensangrentada (Ladrón De Guevara, 1999, p. 38).

Podemos pensar que, para Mistral, esse acontecimento se traduz em rejeição e humilhação, pois foi acusada publicamente. Além disso, podemos reconhecer que a discriminação se trasladou a outros espaços, e Ladrón De Guevara, citando a mesma correspondência, revela: “Luego, en una verdadera orgía de crueldad, aquella directora a quien no nombro por

<sup>1</sup> Não se entregam precisões sobre a fonte.

respeto a los muertos, llamó a mi madre y la convenció de que yo era una ‘débil mental’ y de que se me pusiese a la cocina o al barrido de los cuartos [...]” (Ladrón de Guevara, 1999, p. 38).

As lembranças sobre a época escolar de Gabriela Mistral ficaram em sua memória, configurando narrativas que tiveram como lugares comuns: a decepção, a falta de oportunidades e as queixas de hostilidade – tudo o que, segundo ela, foi contribuindo para se tornar uma “autodidata”. Parece-me muito significativa essa afirmação. No entanto, a Mistral “Prêmio Nobel” se formou principalmente fora da escola, sobretudo em experiências de educação não formal e informal<sup>2</sup>, o que, de alguma forma, coloca em tensão muitas concepções sobre o conceito de educação.

Desde jovem, Mistral começou a escrever nos diários regionais sobre temáticas consideradas “diferentes” para sua *condição* de mulher, provinciana e pobre, sobretudo em uma sociedade e em uma época marcadas pelas exclusões socioeconômicas e de gênero, entre outras (Manzano, 2008; Pizarro, 2008). Em um período em que as vozes das elites sociais e culturais marcavam as pautas de “comportamento”, sem dúvida, foi uma difícil tarefa para Mistral posicionar-se, também como escritora<sup>3</sup>. Segundo a própria autora, foram essas ex-

<sup>2</sup> Utilizo os conceitos de Almerindo Afonso para entender as formas de educação formal, não formal e informal. Segundo ele, por “educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas, enquanto a designação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não-fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto” (Afonso *apud* Von Simon; Park; Fernandes, 2007, p. 16).

<sup>3</sup> Manzano (2008, p. 11) indica que, desde os 15 anos, Mistral se apartou das temáticas mais recorrentes dos poetas locais, que foram: a queixa amorosa, o nacionalismo e o desencanto.

clusões que dificultaram sua postulação à Escola Normal para se formar como professora:

Mis estudios en la Normal de la Serena me los desbarató una intriga silenciosa con la que se buscó eliminarme por haberseme visto leyendo y haciendo leer algunas obras científicas que me facilitaba un estudioso de mi pueblo: Don Bernardo Ossandón, ex director del Instituto Comercial de Coquimbo. Ya escribía yo algo en el diario radical El Coquimbo y solía descubrir con excesiva sinceridad mis ideas no antirreligiosas, sino religiosas en otro sentido que el corriente (Mistral *apud* Teitelboim, 1996, p. 54).

A partir de um relacionamento distante e complexo com a educação formal, Mistral desenvolveu táticas para continuar formando-se de uma maneira diferente. Exemplo disso foi o acompanhamento que lhe deu sua irmã, também professora, o que lhe permitiu formar-se fora da Escola Normal. Assim, com muitas marcas e experiências, Mistral construiu esse “Projeto de Lucila”<sup>4</sup> (Pizarro, 2005, p. 10).

Após lecionar em numerosos liceus femininos, em 1918, Mistral foi nomeada diretora de liceu por Pedro Aguirre Cerda, ministro de Instrução Pública do Chile. Esse cargo era o de maior hierarquia que uma professora podia exercer naquela época no Chile.

Investida da autoridade do cargo, fala, reclama, escreve e resiste. Transita por Punta Arenas e Temuco (cidades do sul do Chile), antes de ir para Santiago (capital do Chile), onde ela se tornou ainda mais desconfortável para muitas pessoas, segundo suas próprias narrativas. Mistral não pertencia mais às cidades distantes, mas aproximava-se da capital chilena, ocasionando um incômodo naqueles que, segundo ela, não queriam vê-la por perto<sup>5</sup>.

4 Retomo a formulação feita por Ana Pizarro: Gabriela Mistral, mais que um pseudônimo, seria um heterônimo, ou seja, uma espécie de *alter ego* ou outro “eu”, em que Gabriela seria o projeto de Lucila, humilde professora rural do Vale de Elqui. Gabriela iria nascendo de Lucila, negando-a e incluindo-a ao mesmo tempo, com suas estratégias, sucessos e perdas.

5 Ela vai reconhecer Amanda Labarca, professora e

Ela afirmou em muitas ocasiões ter sido vítima de exclusões. Seguindo a leitura de Marcela Lagarde, podemos afirmar que tais exclusões são “cativeiros”, entendidos como condição que

[...] caracteriza a las mujeres por su subordinación al poder, dependencia vital, el gobierno y la ocupación de sus vidas por las instituciones y los particulares (los otros), y por la obligación de cumplir con el deber ser femenino de su grupo de adscripción, concretado en vidas estereotipadas, sin alternativas. (Lagarde, 2005, p. 37)

Mistral dizia se sentir excluída pelo gênero, por ter nascido em província e até por sua formação autodidata – o que, segundo ela, significou-lhe a marginalização dos círculos de influência do Ministério de Educação. Com efeito, entendo o fato de que a autora lançasse mão de diversas táticas, entendidas como “[...] pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de ‘caçadores’, mobilidades de mão-de-obra, simulações polimorfos, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos” (De Certeau, 1994, p. 39). Apoiada por algumas redes, enfrentou seus “cativeiros” e empreendeu uma longa viagem, que a levaria a uma condição permanente de estrangeira.

Em 1922, convidada pelo governo do México, Mistral deixou o Chile e foi colaborar na Reforma Educativa. Em um ambiente rico e cheio de reconhecimento, viveu experiências que marcaram sua vida. Trabalhou com José Vasconcelos<sup>6</sup>, com quem se identificou e teve tro-

primeira mulher a ocupar no Chile um cargo como acadêmica da Universidade do Chile – instituição de educação superior mais antiga do país –, com a qual ela se defrontaria em numerosas ocasiões em termos profissionais, por exemplo, quando ambas se apresentaram para ocupar o cargo de diretora do liceu nº 6 de meninas de Santiago. Além da maçonaria, que segundo Mistral, vinculava-se a Labarca por meio do matrimônio e de amizades.

6 José Vasconcelos (1882-1959). Político, filósofo, advogado e intelectual mexicano foi Ministro de Educação Pública de seu país entre os anos 1921 e 1924, lugar desde o qual liderou reformas que pretendiam

cas intelectuais que influenciaram fortemente suas intervenções. Nessa experiência, Mistral se aproximou de algumas ideias significativas para seu trabalho como intelectual, como, por exemplo, o conceito de educação pública como cruzada e a concepção de educação além do espaço escolar.

Mistral já conhecia, desde sua infância, outras formas de educação. Creio que foi essa educação diferenciada que atraiu o olhar de Vasconcelos a ela. O reformador promoveu artistas e poetas de inspiração popular, pois desconfiava da maioria de seus colegas intelectuais, por considerá-los, entre outras coisas, como elitistas e oportunistas (Blanco, 1993, p. 84).

A experiência mexicana significou uma herança para Mistral e influenciou seu compromisso com outros projetos, como, por exemplo, o Projeto de Chilenidade do Presidente chileno Pedro Aguirre Cerda<sup>7</sup>. O México se tornou um espaço de reconhecimento para Mistral, onde sua palavra foi ouvida e valorizada, reafirmando com isso sua condição de intelectual. Após essa experiência, a professora chilena tornou-se uma *cidadã do mundo* e uma autoexilada, como ela mesma se definiu.

As viagens tiveram bastante influência na construção da subjetividade e da sensibilidade de Mistral, tendo em vista que para ela, elas dão:

---

unir simbolicamente a nação mexicana, utilizando o recurso da mestiçagem para conseguir o desenvolvimento cultural do país. Entre suas ações se incluem a organização da Universidad Nacional (Unam), programas de educação popular, edição de livros e difusão da arte e da cultura.

7 Pedro Aguirre Cerda (1879-1941). Professor, advogado e presidente do Chile entre os anos 1938-1941, desenvolveu uma profunda amizade com Gabriela Mistral, sendo considerado por ela como “seu protetor”. As trocas intelectuais entre eles foram de caráter regular e se traduziram, por exemplo, na colaboração da autora com seu governo e seu Projeto de chilenidade por meio da disponibilização de informações sobre pessoas e modelos pedagógicos para circulação, entre outras coisas, e pela propaganda do Chile no exterior.

[...] la costumbre del olvido. Nada penetra en nosotros sin desplazar algo: la imagen nueva se disputa con la que estaba adentro, moviéndose con desahogo de medusa en el agua; después la cubre como una alga suavemente, sin tragedia. Viajar es profesión del olvido. Para ser leal a las cosas que venimos a buscar, para que el ojo las reciba como al huésped, espaciosamente, no hay sino el arrollamiento de las otras (Mistral, 1978, p. 20).

É relevante, também, não esquecer que as viagens representaram uma possibilidade de autoconhecimento em vários sentidos, permitindo ao viajante se perguntar pelo profissional, pelo sentimental e até pelo seu pertencimento a um lugar:

El viaje aconsejará como el sueño enseña a algunos iluminados. Le señalará oficio, país y mujer. Le diría si es italiano y deberá aprender su Dante en Florencia, si platero y vivir unos años en fundición de Toledo. O si, sencillamente, es de su tierra, y no puede aprender nada sino moviéndose en la divina dulzura de lo suyo (Mistral, 1978, p. 20).

Foram as viagens que permitiram a Mistral experimentar em muitos lugares essa forma de olhar diferente, isto é, o olhar daquele que vem de fora (Ginzburg, 2001). Elas lhe conferiram autoridade, contribuindo, portanto, para o aumento de seu prestígio no exercício de seu trabalho<sup>8</sup>. Ademais, permitiram-lhe a manutenção econômica:

Acuérdense también de que la otra publicidad, la de mis viajes, me la acarrea la búsqueda del pan. Voy aquí y voy allá a dar clases (nadie vive de trescientas pesetas de una jubilación) y debo aceptar que los pueblos dispongan de mi como de persona llegada a ellos para servirlos (Mistral, 1934).

---

8 Um texto que trabalha a importância da viagem no aumento da autoridade e do reconhecimento para a mulher professora é “A educação como problema, a América como destino: a experiência de Maria Guilhermina”, de Carla Chamon e Luciano Mendes de Faria Filho, incluído em *Viagens pedagógicas*, obra organizada por Ana Maria Cristina Mignot e José Gonçalves Gondra, publicada pela editora Cortez em 2007.

Mistral viajou por muitos lugares, ministrou palestras sobre infância, educação e política, em congressos de professores, eventos que discutiam temáticas ligadas à proteção à infância e reuniões de mulheres universitárias. Nos Estados Unidos, foi convidada pela Universidade de Columbia, permanecendo ali por um semestre, durante o qual ministrou cursos de literatura e história hispano-americana no Barnard College e no Middlebury College.

Em relação aos cargos que exerceu nessa itinerância, podemos destacar sua participação no Instituto de Cooperação Intelectual da Sociedade das Nações, onde representou oficialmente a América Latina, foi membro do comitê editorial da Coleção dos Clássicos Ibero-americanos, organizada pelo Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, com a finalidade de divulgar, para os leitores de língua francesa, destacados escritores hispano-americanos. Participou, ainda, da Federação Internacional Universitária de Madrid e do Conselho Administrativo do Instituto Internacional de Cinematografia Educativa, com sede em Roma.

Em 1931, recebeu a oferta do governo do Chile para atuar como diretora do Ensino Primário. A oferta foi recusada. Entretanto, no ano seguinte, o mesmo governo lhe outorgou um cargo consular que ela ocupou até sua morte. Paradoxalmente, essa Mistral, que alegou se sentir excluída no Chile, tornou-se representante oficial do país. Converteu-se em consulesa vitalícia desde 1935, por iniciativa de um grupo de intelectuais europeus, entre os quais se encontravam Miguel de Unamuno, Romain Rolland, Ramiro de Maeztu e Maurice Maeterlinck.

No âmbito das publicações, Mistral colaborou com prestigiosas revistas e suplementos literários do mundo hispânico e lusófono. Em vida, publicou apenas<sup>9</sup> cinco livros: *Desolación*

9 É possível reconhecer, avaliando seus arquivos, a imensidão de sua produção. Esse fato levou alguns biógrafos, como Volodia Teitelboim, a falar de seu medo de

(Nova York, 1922); *Lecturas para Mujeres* (México, 1923); *Ternura* (Madrid, 1924); *Tala*<sup>10</sup> (Buenos Aires, 1938); e, por fim, *Lagar* (Santiago do Chile, 1954). De forma póstuma foram publicados outros livros, entre eles destaque, a publicação em 1967, em Santiago, do livro *O Poema de Chile*, por iniciativa de Doris Dana<sup>11</sup>, sua amiga companheira e testamentária.

Morando no Brasil, em 1945, Mistral recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, sendo a primeira pessoa da América do Sul a ser homenageada. A partir de então, seu prestígio como escritora foi ainda maior e se traduziu, por exemplo, na defesa de alguns intelectuais e artistas ao seu direito ao Prêmio Nacional de Literatura no Chile, outorgado seis anos depois.

Mistral considerou a escritura como algo muito significativo, a escrita acompanhava seu trabalho de professora e, nessa escrita, encontrava motivação e energia: “[...] escribir me suele alegrar; siempre me suaviza el ánimo y me regala un día ingenuo, tierno, infantil. Es la sensación de haber estado por unas horas en mi *patria real*, en mi costumbre, en mi suelto antojo, en mi libertad total [...]” (MISTRAL, 2010, p. 589, grifo nosso).

Considero que a escritura representou uma morada para Mistral, a qual continha alegrias, dores e fantasias, além de significar sua pátria real:

La poesía es en mí, sencillamente, un rezago, un sedimento de la infancia sumergida. Aunque resulte amarga y dura, la poesía que hago me lava de los polvos del mundo y hasta de no sé qué vileza esencial parecida a lo que llamamos el pecado original, que llevo conmigo y que llevo con aflicción (Mistral, 2010, p. 589-590).

publicar, sugerindo que ela teve que contar com a coragem de seus amigos para isso (Teitelboim, 1996).

10 Os direitos autorais dessa obra ela destinou aos(as) meninos(as) espanhóis(as) vítimas da guerra civil.

11 Muito se discute hoje no Chile se Doris Dana teve um relacionamento amoroso com Gabriela Mistral, ainda mais depois da publicação de algumas cartas que provêm de seu arquivo pessoal (Cf. MISTRAL, Gabriela. *Niña errante*: cartas a Doris Dana. Santiago: Lumen, 2009).

Assim, as diferentes vozes da autora, unidas às vozes alheias, concentraram-se e configuraram seus discursos como intelectual, tornando sua fala e escrita uma tradução dessas experiências. É expressão disso o fato de que, ao receber o Prêmio Nobel, se definisse como intérprete, recuperando a ideia de representação como um recurso.

Mistral morreu em Nova Iorque em 1957, e somente após três anos seu corpo foi levado para Montegrande (Chile), cidade onde viveu durante sua infância e onde expressou o desejo de descansar, perto de sua Cordilheira dos Andes. Em 1991, o povo do lugar homenageou a artista no dia em que faria 102 anos. A partir desse dia, um dos morros da Cordilheira se chama Gabriela Mistral.

## Da operação cosmética e dessa mistral oficial

Durante as últimas décadas, na escola chilena, saber de cor as letras dos cantos de roda, de Gabriela Mistral, tinha uma solenidade quase religiosa. A figura de Mistral que foi construída pela memória oficial e que circulou de maneira hegemônica no imaginário dos(as) chilenos(as) até pouco tempo buscou apagar suas complexidades, intensidades, contradições e movimentos. Mistral foi apresentada e ensinada como uma “professora-mãe”, “ingênua”, “submissa”.

Lembro, por exemplo, de sua imagem e de suas poesias nos livros escolares, onde se apresentava uma Mistral com monotonia, sem variações, sem sons, sem intensidades. Algo muito distante do que podemos observar que foi sua trajetória e sua vida. Pouco ou nada se lia e se lê na escola chilena sobre sua produção literária, muito menos sua escrita em prosa, ainda mais ignorada e marginalizada por ter sido considerada ameaçante, seguramente por ser considerada uma escrita de uma

mulher *fora do lugar*<sup>12</sup>. Ao contrário, sua poesia foi vista pela crítica literária como menos perigosa e mais feminina, no gênero e na temática. Isso se explica se recorremos a Norma Telles e falamos de um duplo padrão de crítica, em que existiriam critérios diferenciados para julgar ou comentar obras, em função do sexo/gênero de seus autores e, para muitos críticos, as escritoras deveriam permanecer no *seu lugar* – bem longe da esfera pública (Telles, 2000).

A *operação cosmética* de Mistral (Teitelboim, 1996) ganhou mais intensidade durante a ditadura chilena liderada por Augusto Pinochet (1973-1990). As leituras “inofensivas e despolitizadas” de Mistral, a *professora das danças de roda*, incluíram, por exemplo, o uso de sua imagem para ilustrar a nota de \$ 5.000 pesos chilenos – exaltação que representa uma tentativa por consagrar uma *heroína*, supostamente *domada*, isso entendendo que “todo regime político busca criar seu panteão cívico e salientar figuras que sirvam de imagem e modelo para os membros da comunidade. Embora heróis possam ser figuras totalmente mitológicas, nos tempos modernos são pessoas reais” (Carvalho, 1990, p. 14).

Ainda durante a ditadura de Pinochet, o prédio Gabriela Mistral, localizado no centro de Santiago, construído pelo presidente Salvador Allende<sup>13</sup> para um encontro de mandatários no ano de 1972, foi rebatizado com o nome de Diego Portales, nome do “pai” da chamada República Autoritária no Chile no início do

12 Parece-me interessante retomar a expressão “fora do lugar”, trabalhada por Edward Said em suas *Memórias*, em que o autor definiu muitas de suas experiências com seu corpo, seu nome, as línguas, os territórios e as culturas, entre outras coisas. Esse “fora do lugar” é sentido como um estranhamento e até como um incômodo que deixou marcas profundas nas suas vivências (Said, 2004).

13 Salvador Allende foi presidente do Chile entre os anos 1970 e 1973. Foi derrocado por um golpe de Estado que instalou uma ditadura, liderada em um início por uma junta, e posteriormente por Augusto Pinochet (quem também integrava a junta).

século XIX, e constituiu-se no principal centro logístico da ditadura.

Olga Grandón (2004), a partir da leitura de Soledad Bianchi, indica que o processo de efervescência da crítica mistraliana foi mais evidente a partir de 1977, tendo em vista que o governo tinha a intenção de invisibilizar a figura de Pablo Neruda, escritor, militante comunista e diplomata chileno, que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1971.

Nessa ditadura, a figura, o nome, as imagens e até as representações de Mistral foram encapsuladas e “glorificadas”. Pretendia-se decretar as “formas de leitura”. Pensando nisso, comecei a me aproximar a Mistral, consciente de que o passado recordado

[...] não é para ser confundido com o conhecimento geral desinteressado do passado que denominamos ‘história’. Ele sempre está relacionado com os projetos identitários, com as interpretações do presente e as pretensões de validade. Assim, a reflexão sobre a recordação conduz ao cerne da reflexão sobre motivação política e formação de identidade nacional (Assmann, 2011, p. 91).

A ditadura de Pinochet construiu uma leitura de Mistral reduzida e, dando a ela a definição de “autora infantil”, tentou rebaixá-la politicamente. Isso também mostra como eram concebidos os(as) meninos(as) na ditadura, sendo a infância significada como algo passivo, apolítico e inofensivo.

Metaforicamente, entendo essa operação cosmética (Teitelboim, 1996) que operou sobre a figura e a obra de Mistral como um intento de engessamento de seus movimentos, de sua potência e de suas rebeldias, algo em que considero interessante e necessário pensar, nos tempos que correm, pois sua figura e sua obra continuam campos de disputa na sociedade chilena:

Nos interesa el discurso de Gabriela, desde luego, por él mismo. También su imagen tiene una

trayectoria propia, que es la que queremos observar, y tiene también una en cada uno de nosotros. Ha estado a nuestro lado o enfrente en distintos momentos de la vida: en la primaria, en nuestra adolescencia, en la vida universitaria, en la madurez y siempre en nuestra relación con ella tomó un rostro diferente. Ha sido un ícono desde que nacimos y se hizo tal tempranamente. También nos interesa en la medida que en Chile su obra ha hecho emerger diferentes propuestas de interpretación, a veces muy opuestas entre sí, que dan cuenta también de la diversidad de visiones de mundo que ostenta la sociedad chilena en las últimas décadas (Pizarro, 2005, p. 7).

Figura 1<sup>14</sup> – As mãos engessadas de Mistral<sup>15</sup>



Fonte: <http://salamistral.salasvirtuales.cl/Upload/SG0000645.pdf>.

## Das considerações metodológicas

Reconhecendo as potencialidades da obra mistraliana e a operação cosmética que foi

14 As figuras incluídas neste artigo são analisadas seguindo o modelo proposto pela professora Olga Von Simson, mas com algumas adaptações minhas para adequá-lo às necessidades deste texto (Cf. Von Simson, Olga. *A construção de narrativas orais sugeridas e incentivadas pela visualidade*. A conjugação de depoimentos orais e fotografias históricas em pesquisas que visam reconstruir a história do tempo presente). (Texto gentilmente cedido pela autora)

15 Observações: procuro mostrar essas mãos, feitas a partir de uma matriz das mãos “reais” de Mistral, como uma metáfora da rigidez com que se leram suas obras. Esse modelo do real representa uma imagem para pensar as leituras “oficiais” sobre Mistral, essa que tentava apagar seus movimentos, sua sensibilidade e seus encontros com outras mãos.

realizada sobre sua figura e obra, proponho algumas considerações metodológicas que serão trabalhadas na continuação e que considero permitiriam reconhecer uma Mistral criadora, plural e conectada. Entre tais ponderações, destaco: seu reconhecimento como sujeito histórico; o romper o engessamento e ler o rizoma; ler as chaves na sua própria obra; o uso das metáforas; e a recuperação do conceito de experiência.

## Reconhecimento como sujeito histórico

Para pensar os estudos sobre Gabriela Mistral, é significativo considerar que a historiografia, muitas vezes, não tem levado em conta a participação das mulheres, o que tem contribuído para sua invisibilidade e de suas ações. Assim, a história do desenvolvimento das sociedades humanas tem sido quase sempre narrada por homens, identificando-se, além disso, os “homens” com a “humanidade”, o que tem resultado na omissão sistemática das mulheres nos registros oficiais (Scott, 1989, p. 38-39).

Além dos registros oficiais, é interessante conhecer como o gênero marca práticas e culturas. Maria Teresa Citeli, em sua resenha do livro *O feminismo mudou a ciência?*, de Londa Schiebinger, afirma que, para a autora, as implicações de gênero nos conflitos entre culturas e práticas científicas e femininas se devem ao fato de que essas últimas são reconhecidas como esferas separadas, pois o contexto histórico definiu uma suposta separação entre os espaços profissional e privado (Citeli, 2002, p. 375).

O trabalho intelectual de Gabriela Mistral ainda não foi suficientemente estudado, nem no campo historiográfico, nem nos estudos biográficos, tampouco sob uma perspectiva de gênero<sup>16</sup>. Os estudos mistralianos desconside-

raram, por exemplo, suas diferentes posições de sujeito e suas narrativas. Essa situação me permite observar que para as mulheres, como uma extensão de sua posição subordinada, foi negado o *status* de sujeitos históricos (Scott, 1989). Particularmente significativo seria reconhecer Mistral como sujeito histórico, por exemplo, entendendo-a como intelectual, categoria que não é comumente utilizada para se referir a ela.

Dessa forma, o desafio torna-se bastante complexo, e é necessário passar por uma revisão das disciplinas, o que, no caso da historiografia, impõe a exigência de analisar a história em suas relações com os discursos oficiais. Trata-se, nesse caso, de um convite a (re)visitar e (re)construir aquelas velhas histórias para esvaziá-las e (re)significá-las, reconhecendo e problematizando nelas tudo aquilo que é apresentado como natural.

Nesse novo contexto, considero significativo acolher a proposta metodológica de Oresta López (2001) para seu estudo de professoras rurais mexicanas. No seu trabalho, López espera tornar ao sujeito docente visível, mas sem forçar as fontes para atribuir-lhe protagonismo excessivo ou construir uma vitimização, tomando-o como um participante ativo nos momentos de grandes mudanças educativas. Assim, propomos estudar Mistral, considerando-a como uma mulher ativa em contextos de mudanças educativas e seguindo Todorov, ciente da obrigação que, como sociedade, temos com nosso passado, reconhecendo-o na sua complexidade e impedindo que seja eliminado:

Toda sociedad tiene una obligación para con su pasado: impedir que éste sea irremediavelmente eliminado. No se trata de someter el presente al pasado, ni tampoco de que todas las lecciones del pasado sean recomendables por igual. La memoria colectiva prefiere, por lo

<sup>16</sup> Entendo gênero, seguindo a proposta de Joan Scott (1996), como o conjunto de construções culturais dos sexos, criações sociais sobre papéis apropriados

para mulheres e homens, o que inclui, também, as relações entre os sexos e as formas de poder.

general, retener dos tipos de situaciones de su pasado comunitario: aquellas en las que fuimos héroes victoriosos o víctimas inocentes (Todorov, 2008, p. 84).

## Romper o engessamento e ler o rizoma

Para romper o engessamento da figura e da obra de Gabriela Mistral feito pelas leituras tradicionais, especialmente as da ditadura de Pinochet no Chile, procuro compreender a autora de forma rizomática, acreditando na proposta do historiador francês François Dosse, que, em seus estudos sobre história intelectual, tem incorporado essa visão. Para o autor, a forma rizomática poderia resultar “[...] sugestiva no plano biográfico porque reveste algumas implicações metodológicas que confortam a pluralização identitária. Qualquer ponto de um rizoma pode ser ligado com qualquer outro, o que induz uma predominância dos princípios de heterogeneidade e de conexão” (Dosse, 2009, p. 407). Segundo essa proposta, pretendo entender uma Mistral plural e em movimento, que possibilitou diferentes conexões, ao fugir das definições e dos limites impostos pelos círculos masculinos e pelas leituras tradicionais e oficiais.

Proponho também a leitura rizomática para compreender a obra mistraliana, pela qual, inspirada em Dosse e Deleuze, compreendo as análises como um rizoma em que, como num livro e “[...] como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou de segmentariedade, estratos, territorialidades; mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e de desestratificação” (Deleuze; Guattari, 2004, p. 8). Considero que prestar atenção aos sons mistralianos, especialmente aqueles considerados tradicionalmente como dissonantes, permitiria reconhecer Mistral e sua obra de forma rizomática e, ao mesmo tempo, criar

leituras mais livres de sua figura, que tentassem acompanhar seus movimentos e os de sua obra, ainda pouco publicada e tão viajante e desterritorializada como ela. Isso nos permitiria ouvir também aquelas ressonâncias de sua figura e de sua obra no tempo presente, como, por exemplo, na revolta chilena de 2019.

## Ler as chaves na sua própria obra

No Chile, a figura e a obra de Mistral entraram em um campo de disputa, o que deu como resultado numerosas leituras fragmentadas e essencialistas de sua obra. Penso, por exemplo, no conceito de maternidade em Mistral, que foi interpretado pela ditadura militar chilena liderada por Pinochet, criando e falsificando muitas representações.

Nesse sentido, considero que o desafio também passa por reler Mistral, retomando e problematizando na sua obra alguns conceitos que poderíamos denominar chave e que, em alguns casos, contribuíram para a formação de estereótipos, pois foram levantados como estandartes de causas muito alheias aos princípios ou valores que a autora defendeu. Exemplo disso seria o já mencionado conceito de maternidade. Inspirada na reflexão de Gabriela Cano (1996, p. 139), que, em sua leitura feminista sobre interpretações masculinas das imagens de Mistral, indicava que “el camino para evadir estas imágenes y comprender las pistas falsas sobre sí misma que Gabriela dejó es una lectura desprejuiciada de la poesía y la prosa mistraliana”, acredito que seria significativo também considerar esta proposta para pensar nas chaves da autora na sua própria obra.

Parece-me interessante discutir as leituras oficiais que se fizeram sobre Mistral, no seu país natal, perante as novas possibilidades de acesso à informação e à interpretação que se abriram com a chegada à Biblioteca Nacional do Chile, de um importantíssimo acervo de do-

cumentos que pertenceram à autora, a partir de uma doação feita no ano 2007 por Doris Atkinson, sobrinha de Doris Dana, que, ao morrer, deixou-a como testamentária. Reconheço sua relevância, seguindo a proposta teórica de Artières (1998, p. 24), pois a autora registrou sua própria vida a partir e em torno de suas autorrepresentações, em que ela imaginou um discurso híbrido que resistisse à interpretação e fosse, sobretudo, um dispositivo de resistência.

Diante dessa nova possibilidade, acredito que é hora de fazer novas escutas, novas leituras e novas escritas sobre Mistral, pois, como fala Loriga, retomando Meyer e Droysen, cada fenômeno poderia ser digno de história, dependendo de sua vitalidade e de sua repercussão (Loriga, 2011, p. 112).

## Do uso das metáforas

Sobre as metáforas, Elsie Rockwell (2018, p. 455) se perguntava:

¿Qué encontraremos si viajamos con estas metáforas hacia rumbos desconocidos? Seguramente muchas más contradicciones y tensiones que cuando se presuponen formas sistémicas y estructuradas para organizar la evidencia del pasado. Encontraríamos situaciones que desbaratan la consistencia de muchas historias oficiales de la educación.

Seguindo as reflexões dessa autora, recupero a riqueza das metáforas como recurso para interpretar o passado, pois permitiriam desbaratar as consistências de muitas histórias oficiais, encontrando contradições e tensões. No caso de Mistral, possibilitariam, por exemplo, novas leituras que fossem além das leituras oficiais construídas pela ditadura de Pinochet.

Para compreender a produção intelectual de Mistral, utilizando as metáforas como recurso, retomo e ressignifico a figura da Roda, usada tradicionalmente no Chile para domes-

ticar a figura e a obra da autora. Entenderei a Roda como um espaço de resistência, onde a autora foi construindo sua subjetividade, conectando pessoas, tempos e espaços e criando e enviando mensagens educativas, transmitindo suas experiências em um sentido benjaminiano (1994), muitas vezes em contextos adversos, como foram guerras e ditaduras.

Partindo da heterogeneidade que sua figura e sua obra contêm, entenderei a Roda como rizoma, ou seja, um conceito que inclui ruptura, além de “[...] alongar, prolongar, religar a linha de fuga, fazê-la variar, até produzir a linha mais abstrata e a mais sinuosa de *n* dimensões, com direções quebradas” (Deleuze; Guattari, 2004, p. 27).

Finalmente, utilizar a figura da Roda como metáfora permitiria também incluir o movimento das imagens musicais e as danças de Roda na análise da figura e da obra de Gabriela Mistral, pois,

[...] a música não parou de fazer passar as linhas de fuga, como muitas outras ‘multiplicidades de transformação’, mesmo ao derrubar os próprios códigos que a estruturam ou que a arborificam; é por isso que a forma musical, mesmo nas rupturas e proliferações, é comparável à planta daninha, um rizoma (Deleuze; Guattari, 2004, p. 27).

Por isso, recuperar as metáforas nos permitiria pôr em tensão muitas das narrativas oficiais sobre Mistral, pois “recordemos que sólo la visión desde la cima del poder es ‘coherente’, las realidades sociales y culturales de la tierra son muy otras. En este viaje, encontraríamos historias inesperadas” (Rockwell, 2018, p. 455-456).

## Recuperar o conceito de experiência

Entendo experiência, seguindo Larrosa como *eso que me pasa* (Larrosa, 2006, p. 88) e a partir

do qual surge uma transformação. Por isso, segundo o autor, proponho “[...] pensar la experiencia desde el punto de vista de la formación y de la transformación de la subjetividad” (p. 100). Ao mesmo tempo, considero significativo compreender “¿cómo se construye la experiencia, a qué dinámica responde, qué proceso pone en movimiento?, y ¿cómo se transmite, qué operaciones se ponen en juego cuando se habla de transmisión de la experiencia?” (Delory-Momberger, 2014, p. 697).

O conceito resulta significativo para analisar algumas das diferentes experiências de formação de Gabriela Mistral como marcas em que a autora sentiu a diferença e a exclusão e que ao mesmo tempo permitiram a ela sua transformação. Também, para reconhecê-la como narradora (Benjamin, 1994), é preciso dizer que ela escreveu como alguém que transmitiu suas experiências<sup>17</sup>, uma vez que nas narrações estão “[...] articulados procesos de autoconhecimento, de formação e de produção de conhecimentos” (Moraes; Lugli, 2010, p. 12).

Seria significativo considerar a experiência como espaço de formação, de atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, vulnerabilidade e ex/posição (Larrosa, 2006, p. 108) e recuperar as potencialidades que esse conceito oferece para reconhecer uma Mistral criadora, aquela que nem sempre nos mostraram as leituras tradicionais, já mencionadas anteriormente. Nesse sentido, seguindo

17 Mistral desenvolveu um gênero particular da escrita mistraliana, os recados. Eles são textos em prosa e em verso, publicados entre 1919 e 1952, que tinham por títulos: *Encargos, Mensagens, Recados, Comentários, Chamados, Palavras, Falas*; ou, simplesmente, iniciam-se com expressões como: *Algo sobre..., Sobre..., Resposta a..., Carta a...* Nos recados, Mistral critica, parabeniza, adverte e entrega tarefas ao leitor, sempre em um tom íntimo e cheio de emoção: familiar, elogioso ou, às vezes, de censura (Grandón, 2009).

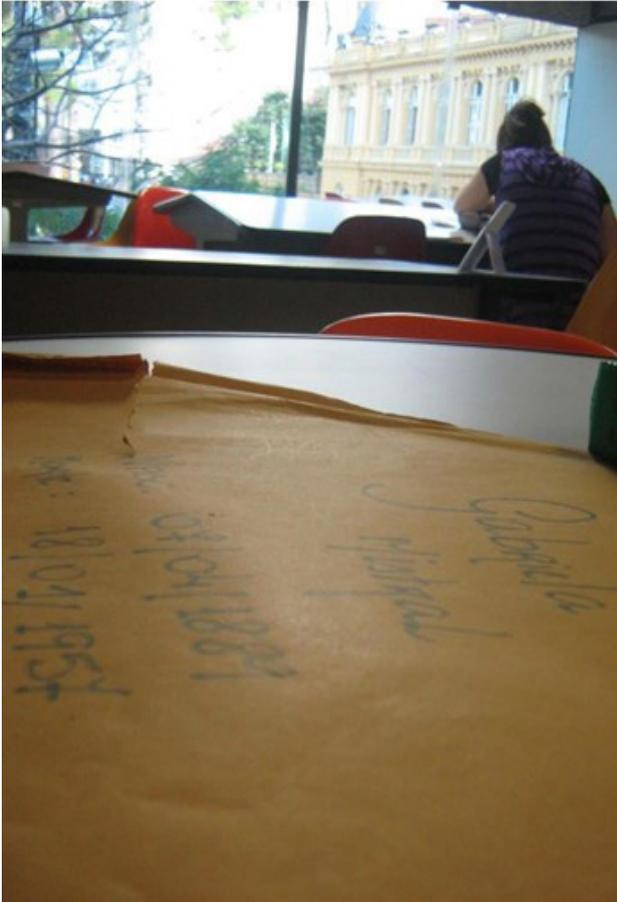
o mesmo Larrosa, podemos pôr em tensão os modos de racionalidades dominantes em que não se reconhece a experiência. Por isso, esperamos dignificar e reivindicar a subjetividade, a incerteza, a provisionalidade, o corpo, a fugacidade, a finitude, a vida (Larrosa, 2006, p. 110). Tudo aquilo que transformou Gabriela Mistral nas suas diferentes experiências e que lhe permitiu construir narrações e relações pedagógicas que valorizavam as experiências – tanto as suas próprias como as daqueles que a acompanhavam.

## Considerações finais

Neste artigo, apresentei algumas notas biográficas de Gabriela Mistral, e também uma análise sobre a operação cosmética (Teitelboim, 1996) que sofreram a autora e sua obra no seu país natal, Chile, o que permitiu que, na ditadura liderada por Augusto Pinochet, decretassem-se formas de leitura sobre uma Mistral oficial. Ao mesmo tempo, propus algumas considerações metodológicas, entre as quais destaquei: seu reconhecimento como sujeito histórico, o romper o engessamento e ler o rizoma, ler as chaves na sua própria obra, o uso das metáforas e a recuperação do conceito de experiência – tudo o que, acredito, poderia ajudar a reconhecer uma Mistral criadora, plural e conectada.

Pensar os estudos biográficos de Gabriela Mistral nos tempos que correm representa um convite para abrir essas velhas pastas onde a palavra de Mistral foi arquivada e realizar novas leituras ao som de novos ritmos. Além do mais, “a responsabilidade social do historiador se afirma não pelas respostas que ele dá, mas sobretudo pelas questões que ele coloca” (Venancio Mignot; Camara Bastos; Santos Cunha, 2000, p. 21).

**Figura 2** – Biblioteca Central Municipal Gabriela Mistral, Petrópolis (RJ), Brasil<sup>18</sup>



Fonte: acervo da autora, 2010.

## Referências

- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998.
- ASSMAN, Aleida. A luta das recordações nas histórias de Shakespeare. In: ASSMAN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Unicamp, 2011.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BLANCO, José Joaquín. **Se llamaba Vasconcelos**. Una evocación crítica. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- CANO, Gabriela. Gabriela Mistral: la dura lección de que existen patrias. **Debate Feminista**, Ciudad de México, v. 13, p. 133-139, abr. 1996.
- CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas: o imaginário da República do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHAMON, Carla Simone; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A educação como problema, a América como destino: a experiência de Maria Guilhermina. In: VENANCIO MIGNOT, Ana Chrystina; GONÇALVES GONDRA, José (org.). **Viagens pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007.
- CITELLI, Maria Teresa. O feminismo mudou a ciência?. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 373-377. 2002.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Rizoma**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Experiencia y formación. Biografización, biograficidad y heterobiografía. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, Ciudad de México, v. 19, n. 62, p. 695-710, jul./set. 2014.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: USP, 2009.
- GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GRANDÓN, Olga. **La prosa poética de Gabriela Mistral: identidad y discurso**. 2004. 119 páginas. Tese. (Doctorado en Literatura con mención en Literatura chilena e Hispanoamericana) – Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad de Chile, Santiago, 2004.
- GRANDÓN, Olga. Gabriela Mistral: identidades sexuales, etno-raciales y utópicas. **Atenea**, Concepción, n. 500, sem. II 2009.
- LADRÓN DE GUEVARA, Matilde. **Gabriela Mistral, rebelde magnífica**. Santiago: Editorial Emisión, 1999.

18 A foto foi tirada numa das salas da biblioteca destinadas para consulta do público, onde estão arquivadas as pastas que incluem material sobre Gabriela Mistral. No plano de fundo, à direita, aparece uma pessoa; no centro, uma janela que permite olhar a paisagem, enquanto entra a luz solar.

- LAGARDE, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres:** madresposas, monjas, putas, presas y locas. Ciudad de México: UNAM, 2005.
- LARROSA, Jorge. Sobre la experiencia. **Aloma** – Revista de Psicología, Ciències de l'educació, Barcelona, n. 19, p. 87-112, 2006.
- LÓPEZ, Oresta. **Alfabeto y enseñanza domésticas:** el arte de ser maestra rural en el valle del Mezquital. Ciudad de México: Consejo Estatal para la Cultura y las Artes de Hidalgo, 2001.
- LORIGA, Sabina. **O pequeno x:** da biografia à história. Tradução Fenando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- MANZANO, Rolando. Recorrer la vida desde la vereda contraria. **DIBAM** – Revista Patrimonio Cultural, Santiago, n. 6, año XIII, 2008.
- MISTRAL, Gabriela. Carta a mi biógrafo. **El Mercurio**, Santiago, 8 de Julio de 1934.
- MISTRAL, Gabriela. Viajar. In: SCARPA, Roque Esteban (org.). **Gabriela anda por el mundo**. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1978.
- MISTRAL, Gabriela. **Niña errante:** cartas a Doris Dana. Santiago: Lumen, 2009.
- MISTRAL, Gabriela. Como escribo. In: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Gabriela Mistral en verso y prosa**. Antología. Lima: Santillana Ediciones Generales, 2010.
- MORAES, Dislane Zerbinatti; LUGLI, Rosario Genta (org.). **Docência, pesquisa e aprendizagem:** (auto) biografias como espaços de formação/investigação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- PIZARRO, Ana. **Gabriela Mistral:** El proyecto de Lucila. Santiago: LOM Ediciones; Embajada de Brasil en Chile, 2005.
- PIZARRO, Ana. Con identidad transgresora. Referente simbólico de la nación. **DIBAM** – Revista Patrimonio Cultural, Santiago, n. 46, año XIII, 2008.
- ROCKWELL, Elsie. Metáforas para encontrar historias inesperadas. In: ROCKWELL, Elsie. **Vivir entre escuelas:** relatos y presencias. Antología esencial. Compilado por Nicolás Arata, Juan Carlos Escalante e Ana Padawer. Buenos Aires: CLACSO, 2018.
- SAID, Edward. **Fora do lugar:** memórias. Tradução: José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SCOTT, Joan. El problema de la invisibilidad. In: KLEINBERG, Jay (comp.). **Retrievieng women's history**. Paris: Unesco/Berg, 1989.
- SCOTT, Joan. El género: una categoría útil para el análisis histórico. In: LAMAS, Marta (comp.). **El género**. Construcción cultural de la diferencia sexual. Ciudad de México: PUEG-UNAM, 1996.
- TEITELBOIM, Volodia. **Gabriela Mistral:** pública y secreta. Santiago: Editorial Sudamericana, 1996.
- TELLES, Norma. **Escritoras, escritas, escrituras**. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.
- TODOROV, Tzvetan. **El hombre desplazado**. Madrid: Editorial Taurus, 2008.
- VENANCIO MIGNOT, A. C.; CAMARA BASTOS M. H.; SANTOS CUNHA, M. T. Tecendo educação, história, escrita autobiográfica. In: VENANCIO MIGNOT, A. C.; CAMARA BASTOS, M. H.; SANTOS CUNHA, M. T. (org.). **Refúgios do eu:** educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000.
- VON SIMSON, Olga R. de Moraes. **A construção de narrativas orais sugeridas e incentivadas pela visualidade**. A conjugação de depoimentos orais e fotografias históricas em pesquisas que visam reconstruir a história do tempo presente. À espera de publicação pelo Grupo de Pesquisa Memória e Fotografia (GPMEF) do CMU- UNICAMP.
- VON SIMSON, Olga R. de Moraes; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. Educação não formal: um conceito em movimento. In: VON SIMSON, Olga R. de Moraes et al. **Visões singulares, conversas plurais**. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

## Sites consultados

<http://salamistral.salasvirtuales.cl>

<http://www.memoriachilena.cl>

Recebido em: 06/10/2022

Revisado em: 18/12/2023

Aprovado em: 23/12/2023

Publicado em: 31/01/2024

**Carola Sepúlveda Vásquez** é doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professora adjunta da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila). e-mail: [carola.vasquez@unila.edu.br](mailto:carola.vasquez@unila.edu.br)